

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

CAROLINE FERREIRA SOARES

**O SUJEITO NO DISCURSO DE AUTOAJUDA ECONÔMICA:
POSICIONAMENTOS CONTEMPORÂNEOS À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Porto Alegre
Janeiro de 2013

CAROLINE FERREIRA SOARES

**O SUJEITO NO DISCURSO DE AUTOAJUDA ECONÔMICA:
POSICIONAMENTOS CONTEMPORÂNEOS À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Solange Mittmann

Porto Alegre

Janeiro de 2013

CAROLINE FERREIRA SOARES

**O SUJEITO NO DISCURSO DE AUTOAJUDA ECONÔMICA:
POSICIONAMENTOS CONTEMPORÂNEOS À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Solange Mittmann

APROVADA: Porto Alegre, 10 de janeiro de 2013.

Prof^a Dr^a Ercília Ana Cazarin

(UCPEL)

Prof^a Dr^a Maria Cristina Leandro Ferreira

(UFRGS)

Prof^a Dr^a Solange Mittmann

Orientadora (UFRGS)

Aos meus pais, Léia e Geneci Soares, que dedicaram a vida, sem medir esforços, para que eu e minha irmã, Larissa, tivéssemos acesso à educação de qualidade, e que me ensinaram o valor dos estudos, sempre me incentivando a nunca desistir, mesmo quando as dificuldades pareciam intransponíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pela vida, pelo amor e carinho, por serem meu porto seguro.

Ao homem que alegra meus dias, Natan Smaniotto, pelo apoio incondicional, amor e admiração que me fazem querer ir sempre mais além.

Aos mestres e colegas do Instituto de Letras que me ajudaram a ver a vida com outros olhos, mais humanos e mais tolerantes. Não tenho dúvidas de que a profissão que escolhemos é a lente que nos guia em todos os aspectos da nossa existência. Serei eternamente grata a todos.

À Debbie Noble, por ser minha amiga em todos os momentos, desde 2007, e companheira de análises discursivas.

À minha orientadora, Solange Mittmann, pela dedicação, paciência e incentivo durante a elaboração deste trabalho, e por todo conhecimento compartilhado.

À professora Maria Cristina Leandro Ferreira, que me apresentou a beleza da Análise do Discurso e com quem aprendi muito.

"We do not see things as they are, we see them as we are."

(NIN, 1961, p. 145)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo de textos de autoajuda econômica e comentários sobre tais textos, tomando por base a teoria da Análise do Discurso, concebida por Michel Pêcheux, partindo, principalmente, da concepção de sujeito. Para isso, também foram utilizados pressupostos teóricos de áreas afins, como sociologia (BAUMAN, 1999) e filosofia (LIPOVETSKY, 2009). Apesar de os textos de autoajuda serem vistos com desdém por muitos estudiosos da academia, o sucesso de suas vendas, bem como de ambientes alternativos nos quais eles circulam, como a internet, ou seja, a numerosa procura dos sujeitos por esses textos, justificam as análises aqui contidas. O livro *Os segredos da mente milionária*; comentários na *fanpage Quero ficar rico*, do Facebook; e respostas às questões de um questionário aplicado com leitores e não leitores de autoajuda constituem o *corpus* analisado para ampliar a compreensão da relação do sujeito contemporâneo com a autoajuda, das formações discursivas envolvidas e dos pré-construídos mais relevantes.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Autoajuda; Sujeito; Formação Discursiva; Pré-construído.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar el funcionamiento discursivo de textos de autoayuda económica y comentarios acerca de textos así, basándonos en la teoría de la Análisis del Discurso, concebida por Michel Pêcheux, a partir de las posiciones de los sujetos. Para eso, se ha hecho uso de presupuestos teóricos de áreas relacionadas, como sociología (BAUMAN, 1999) y filosofía (LIPOVETSKY, 2009). Aunque los textos de autoayuda sean mirados con desdén por muchos estudiosos de la academia, el suceso de sus ventas, así como de los ambientes alternativos donde los publican, como la internet, o sea, la gran busca de los sujetos por esos textos, justifican las análisis contenidas acá. El libro *Os segredos da mente milionária*; comentarios en la *fanpage Quero ficar rico*; en Facebook, y respuestas a una encuesta realizada con lectores y no lectores de autoayuda constituyen el *corpus* analizado para ampliar la comprensión de relación del sujeto contemporáneo con la autoayuda, de las formaciones discursivas involucradas y de los pre-construidos más relevantes.

Palabras-clave: Análisis del Discurso; Autoayuda; Sujeto; Formación Discursiva; Pre-construido.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 O SUJEITO DA ANÁLISE DO DISCURSO E O SUJEITO-LEITOR IMAGINÁRIO DE TEXTOS DE AUTOAJUDA..... | 12 |
| 3 FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD) | 25 |
| 3.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA TECNOLÓGICA | 27 |
| 3.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA DA AUTOAJUDA..... | 30 |
| 3.3 IDENTIFICAÇÃO, CONTRAIDENTIFICAÇÃO E NÃO IDENTIFICAÇÃO: ANÁLISES | 33 |
| 3.3.1 Identificação | 35 |
| 3.3.2 Contraidentificação..... | 37 |
| 3.3.3 Não identificação..... | 40 |
| 4 PRÉ-CONSTRUÍDO..... | 41 |
| 4.1 SUSTENTANDO A NOÇÃO DE PRÉ-CONSTRUÍDO: ANÁLISES | 42 |
| 4.2 RELAÇÃO DAS PERGUNTAS COM AS RESPOSTAS: O CONSTRUIDO E O PRÉ-CONSTRUÍDO | 44 |
| 4.3 “EU QUERO, EU POSSO!”: PRÉ-CONSTRUÍDO E O EFEITO MÜNCHHAUSEN | 46 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| APÊNDICE A | 53 |
| APÊNDICE B | 56 |

1 INTRODUÇÃO

Se há uma palavra que define bem a era na qual vivemos, essa palavra é fugacidade. Através dessa palavra, podemos chegar a diversas causas e efeitos pertinentes aos sujeitos que compõem nossa sociedade. São tantas atividades: trabalho, estudos, relacionamentos, tantas exigências, tantas tecnologias e informações, tudo é tanto, que as pessoas acabam dedicando pouco tempo, que é sempre “curto”, para olhar para dentro de si mesmas, pensar e refletir sobre sua condição. Por isso, a cada dia, cresce a busca por orientações rápidas, milagrosas, fugazes, e, na mesma proporção, cresce a oferta do que conhecemos como autoajuda, manuais, livros, *blogs* ou apenas comentários compartilhados na mídia, que com as tecnologias disponíveis atualmente tornaram-se de fácil acesso. A disseminação desses textos, principalmente os que são voltados à ascensão econômica, e o interesse que eles despertam em tantos leitores, que em geral associam a solução de seus problemas ao acúmulo de dinheiro, justificam este estudo, que analisará alguns aspectos de seu funcionamento discursivo segundo a teoria da Análise do Discurso, concebida por Michel Pêcheux.

A escolha pela teoria da Análise do Discurso (AD) para analisar os textos¹ de autoajuda apoia-se no fato de que

A AD caracteriza-se [...] por um viés de *ruptura* a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise (FERREIRA, 2010, p. 19).

Ou seja, diferentemente de outras linhas de estudo da linguística que desconsideram a interferência da exterioridade na análise de textos, a AD torna possível um entendimento mais amplo não apenas dos textos de autoajuda econômica, mas de seus discursos, que extrapolam o texto, as palavras, contemplando o sujeito, a ideologia, o inconsciente e a linguagem.

E porque essa teoria me permitiu analisar discursos considerando aquele que deles é protagonista, o sujeito, sem negligenciar o que o constitui, como a ideologia

¹ Para a Análise do Discurso, o texto é a unidade de análise da qual o analista parte para chegar ao discurso, que é um efeito de sentidos. Conforme Pêcheux (1993).

e o inconsciente, escolhi a Análise do Discurso para nortear esta monografia. Acredito que somente uma teoria com tamanha abrangência seja capaz de mostrar, a quem possa interessar, o funcionamento deste fenômeno que a autoajuda representa na contemporaneidade, principalmente a que diz respeito ao imaginário do sujeito sobre sua relação com o campo econômico. Apesar de esses textos serem vistos com desdém por muitos estudiosos da academia, o sucesso de suas vendas, bem como de fontes alternativas nas quais eles circulam, como a internet, ou seja, a numerosa procura dos sujeitos por esses textos, justificam uma análise do seu funcionamento discursivo.

Como o foco central deste trabalho é o sujeito, dedicamos o Capítulo 2 à revisão teórica sobre essa noção, buscando o embasamento do sujeito segundo a AD. Procuramos relacionar, imediatamente, a teoria às análises, o que nos leva a entender melhor quem é o sujeito-leitor imaginário do discurso de autoajuda econômica, por meio, também, de análises de discursos do sujeito-autor. Para a construção do *corpus* deste capítulo, recortamos algumas sequências discursivas (SDs) do livro *Os segredos da mente milionária* (EKER, 2006).

Já o Capítulo 3 apresenta outra noção de fundamental importância na constituição dos discursos e dos sujeitos: a formação discursiva (FD), que, segundo Pêcheux (2008, p. 147), “determina o que *pode e deve ser dito*”. Neste capítulo, constituem o *corpus* postagens da *fanpage Quero Ficar Rico*, disponível no Facebook, por meio das quais é analisado o modo como os sujeitos se identificam, se contraidentificam ou não se identificam com a FD representativa no discurso de autoajuda econômica, que chamamos aqui de FD de autoajuda. Por serem discursos retirados da internet, busca-se delinear ainda a FD tecnológica. Tanto na apresentação da FD de autoajuda quanto da FD tecnológica, considera-se a influência da pós-modernidade sobre os sujeitos, que em meio a excessivas exigências e falta de tempo da contemporaneidade muitas vezes acabam buscando orientação para direcionar suas vidas em textos de autoajuda na internet.

O Capítulo 4 apresenta a noção de pré-construído, que enlaça os conhecimentos debatidos sobre o sujeito aos de formação discursiva, uma vez que, para isso, analisamos formas e sentidos tidos como evidentes pelos sujeitos entrevistados para este estudo (*corpus* em resposta ao Apêndice A), segundo a FD com a qual eles se identificam. A influência das perguntas e dos trechos do livro *Os*

segredos da mente milionária e o efeito Münchhausen também são trazidos à baila para essa discussão sobre o pré-construído.

Para a construção destes três capítulos, conforme descrito, trabalhamos com três *corpura*, formados por sequências discursivas: 1º) do livro *Os segredos da mente milionária*, que nos permitiu observar a construção do sujeito-leitor imaginário; 2º) da *fanpage Quero ficar rico*, que nos trouxe o sujeito-leitor real e a possibilidade de identificação com a FD; e 3º) as respostas ao questionário por nós elaborado, que possibilitou observar a relação entre o sujeito-leitor real e os pré-construídos.

Esperamos que, ao final, o conjunto de noções aqui apresentados, assim como as análises das SDs recortadas, possam aguçar um olhar mais atento sobre os textos de autoajuda e, conseqüentemente, sobre os sujeitos contemporâneos.

2 O SUJEITO DA ANÁLISE DO DISCURSO E O SUJEITO-LEITOR IMAGINÁRIO DE TEXTOS DE AUTOAJUDA

O sujeito contemporâneo e sua relação com a leitura de autoajuda compõem o foco deste estudo, que é sustentado pela teoria da Análise do Discurso. Esta abordagem sobre o sujeito, voltada principalmente para a compreensão do sujeito-leitor imaginário² apresentado no discurso de autoajuda econômica, tem como *corpus* sequências discursivas (SDs) do *best seller* americano *Os segredos da mente milionária*, de T. Harv Eker.

De acordo com Ferreira (2010, p. 22), “para explicar o modo pelo qual o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, isto é, o campo da linguagem”. Entendendo o sujeito como efeito da linguagem, reconhece-se que esta é essencial na sua constituição. A linguagem atravessa o sujeito desde o início da sua vida, no meio que o recebe, na fala, nas imagens, nos textos, tudo isso imbuído em diferentes momentos históricos, em diferentes culturas. Sobre a linguagem que circula nesse meio, sempre em movimento e sob constantes mutações, Orlandi (2003, p. 25) diz que “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” Acredito tratar-se de sentidos, no plural, pois são sempre múltiplos e variáveis sentidos construídos a partir das interpretações dos sujeitos inscritos na história.

Para entender melhor esse sujeito constituído pela linguagem, este capítulo apresenta alguns conceitos essenciais ao entendimento do sujeito da Análise do Discurso, que deixa de ser indivíduo e passa a ser sujeito no momento em que é interpelado por uma FD com a qual ele se identifica, tecido pela ideologia e pelo inconsciente. A respeito desse entrelaçamento, Ferreira (2010, p. 28) afirma que

ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante*.

² Mais adiante, trataremos da diferença entre sujeito-leitor imaginário e sujeito-leitor real. Mas já podemos adiantar que o sujeito-leitor imaginário é construído no discurso, e o sujeito-leitor real pode ou não identificar-se com ele.

Assujeitado porque se identifica com uma FD, molda-se segundo esta, quer ser aceito em determinada tribo segundo esta, na tentativa, *desejante*, de “fazer uma inscrição na sociedade, na historicidade e na cultura [...] singularizar-se e posicionar-se” (MARIANI; MAGALHÃES, 2011, p. 126).

Ainda na linha dos efeitos da ideologia e do inconsciente sobre o discurso do sujeito, Indursky (2008, p. 10) afirma que

um sujeito [...] não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Pessoalmente e socialmente. Na constituição de sua psiquê, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir desse laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise do Discurso se constitui. É sob o efeito desta articulação que o sujeito da AD produz seu discurso.

Portanto, resta evidente que a psique do sujeito e a sociedade e a cultura na qual ele está imerso interferem no seu discurso, logo, são aspectos tão arraigados nele que de modo algum podem ser apartados da análise do seu dizer, ainda que algumas teorias linguísticas insistam em padronizar o sujeito e a língua. Segundo Authier-Revuz (1990, p. 26), “abordagens teóricas diversas têm mostrado que toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e que este é mais falado do que fala”, logo, toda fala (discurso, no caso da teoria que estamos seguindo) é determinada pelo inconsciente e pela exterioridade que cerca o sujeito.

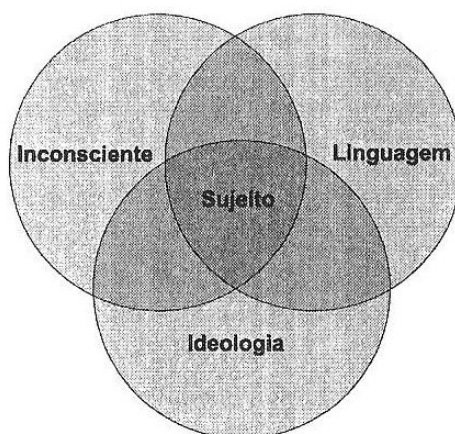
Trazendo para o campo desta análise, é possível dizer que o sujeito-autor do livro aqui analisado é porta-voz da FD que o afeta. No caso do sujeito-leitor que recorre à autoajuda econômica, ele é interpelado pela FD que faz circular a ideia de que o sucesso e a felicidade estão no dinheiro, e ele quer atender a essa exigência social. Leia-se o “atender” como o desejo de alcançar a riqueza e a “exigência social” como determina a FD que o afeta. A linguagem, nesse momento, perpassa todo esse processo, e, posteriormente, centra-se no discurso que esse sujeito produz diante da interpelação pela FD.

Entretanto, há momentos em que o sujeito acredita ser fonte original de seu dizer, do seu discurso, quando, na verdade, “ele nada mais é do que o suporte e o efeito” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27), suporte porque por ele passam diversos já-ditos, e efeito porque ele os acomoda sob nova forma, uma vez que variam,

recebem sentidos segundo a posição do sujeito e a situação na qual o discurso é produzido. “Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já-dito na fala do outro” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Essa composição do sujeito do discurso fica ainda mais clara a partir do nó borromeano (figura introduzida na psicanálise por Lacan) apresentado por Ferreira (2010, p. 24) da seguinte forma:

Figura 1 – O lugar do sujeito na Análise do Discurso.



Fonte: Ferreira (2010, p. 24).

Conforme Ferreira (2010, p. 24), “Retirando-se um desses anéis os outros ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. O que os sustenta [...] é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente”. Isto é, para que o sujeito se constitua, é necessário que inconsciente, linguagem e ideologia estejam entrelaçados, se um dos anéis não estiver presente, o sujeito não se sustenta. A parte mais consistente, representada pela cor mais forte, onde os três anéis (inconsciente, linguagem e ideologia) se encontram, representa o sujeito afetado, ao mesmo tempo, pelas três ordens.

Essa concepção de que o sujeito é afetado pelo inconsciente, pela linguagem e pela ideologia vai na direção oposta à do sujeito-leitor imaginário construído no discurso dos livros de autoajuda, que se acha fonte do seu dizer, acima de qualquer

interferência exterior, baseado no “princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas” (RÜDIGER, 1996, p. 17), conforme aponta a SD 1 :

SD 1 – Se as coisas não vão bem na sua vida exterior, é porque não estão indo bem na sua vida interior. É simples assim.

Ao afirmar que a exterioridade é reflexo do interior do sujeito, o autor coloca a responsabilidade de todos os problemas externos ao sujeito no seu modo de conduzir a vida, afinal eles só existem porque há problemas na administração do seu interior, como mostra a relação de causa e efeito entre “se” e “porque”. Nessa SD fica evidente a desconsideração do autor acerca da interferência da exterioridade , ou seja, da ideologia nesse sujeito.

Sabemos que, no processo de escrita, todo autor, a partir de um discurso prévio, direciona seu discurso para um leitor imaginário.

Isso implica que o orador experimente de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde esse ouvinte o “espera”. Esta antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso [...] (PÊCHEUX, 1993, p. 77).

Isso quer dizer que o leitor é idealizado, ou seja, o autor do livro de autoajuda imagina o que o seu leitor imaginário “deseja” ler, o que vai prender a sua atenção, enfim, coloca-se no lugar desse leitor ao elaborar o seu discurso.

Ainda segundo Pêcheux (1993, p. 83), o processo discursivo que se dá entre o autor e o leitor, e vice-versa, é formado por diversas formações imaginárias que determinam o lugar que cada um desses sujeitos designa a si e ao outro, bem como a imagem do lugar que cada um ocupa. Um esquema dessas formações imaginárias é representado no Quadro 1.

Quadro 1 – Formações imaginárias.

| <i>Expressão que designa as formações imaginárias</i> | <i>Significado da expressão</i> | <i>Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente</i> | <i>Formação imaginária correspondente no corpus</i> | |
|---|---------------------------------|--|---|--|
| A { | $I_A(A)$ | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A. | “Quem sou eu para lhe falar assim?” | Milionário; bem-sucedido; sabe como chegar ao sucesso. |
| | $I_A(B)$ | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A. | “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” | Medíocre, mas que quer e pode mudar sua condição. |
| B { | $I_B(B)$ | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B. | “Quem sou eu para que ele me fale assim?” | Sujeito que corre atrás do dinheiro. |
| | $I_B(A)$ | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B. | “Quem é ele para que me fale assim?” | Sujeito bem-sucedido, milionário. |

Fonte: adaptado de Pêcheux (1993, p. 83).

Para Eker, o sujeito-leitor imaginário, conforme apontam as sequências discursivas selecionadas, é capaz de tudo, dono do seu destino, capaz, inclusive, de tornar-se milionário, se seguir as premissas detalhadas no livro, ou seja, apenas modificando pensamentos e ações.

SD 2 – Isso não é ciência exata, mas quase todos os ricos pensam de um jeito completamente diferente das outras pessoas. O modo de pensar determina as ações dos indivíduos e, conseqüentemente, os seus resultados.

Ao afirmar que “Isso não é ciência exata”, o autor reconhece que sua afirmação não está baseada em nenhum tipo de estatística, não há números, é apenas uma constatação baseada em um modo de conduzir as finanças, e a própria vida, que deu certo, o dele mesmo. O “mas” que segue essa afirmação evidencia que, mesmo não sendo uma ciência exata, o autor considera as suas afirmações,

suas dicas para alcançar a riqueza, quase tão exatas quanto, o que ele explicita em seguida, declarando que “quase todos os ricos pensam de um jeito”, sem apresentar nenhum dado concreto a respeito. O autor ainda diz que há uma forma de pensar que conduz à riqueza, que é “completamente diferente das outras pessoas”, inclusive do sujeito-leitor imaginário, tentando persuadi-lo a ler o livro. Em seguida, é enfatizado que “o modo de pensar determina as ações dos indivíduos e, conseqüentemente, os seus resultados”. Isto é, para o autor, o modo de pensar, supostamente sob controle pelo sujeito-leitor imaginário, determina suas atitudes, atitudes planejadas. Já o advérbio “conseqüentemente” deixa claro que se o sujeito-leitor real dominar seus pensamentos e suas atitudes, então ele obterá os resultados esperados: dinheiro. E completa:

SD 3 – tudo o que você precisa fazer é copiar o modo de pensar dos ricos.

Mais uma vez, o autor coloca que *tudo* está ao alcance das pessoas, referindo-se à riqueza, bastando apenas “copiar o modo de pensar dos ricos”, o que evidencia a noção de sujeito-leitor imaginário, que *tudo* pode, inclusive copiar o modo de pensar de outra pessoa, como se pensamentos de qualquer pessoa pudessem ser acessados por qualquer um. Trata-se de um sujeito que, na contemporaneidade, busca a felicidade no consumo, portanto, espelha-se em homens ricos. Segundo Coracini (2006), alguns psicanalistas também denominam esse sujeito como sujeito do gozo ou sujeito do consumo, aquele

que desconhece a falta, acredita tudo poder, porque o dinheiro pode comprar tudo; simboliza muito pouco ou quase nada, justamente porque vive na concretude dos objetos; por isso só consegue definir sua felicidade, por exemplo, a partir da posse de objetos ou de pessoas objetificadas: tem um carro, uma casa, uma mulher ou um marido que satisfaz seus desejos, filhos bonitos..., nada lhe falta (CORACINI, 2006, p. 149).

Ao mesmo tempo, o pronome indefinido “tudo”, dá uma ideia bastante vaga do que o sujeito-leitor deve fazer, afinal, copiar o modo de pensar dos ricos é *tudo* e basta? Talvez bastasse, se a formatação do pensamento fosse possível e todo sujeito tivesse total domínio sobre o que deve ou não pensar, quando, na verdade, ele não tem esse controle, pois é dotado de inconsciente e rodeado por exterioridades que o afetam, e nisso está a “‘ferida narcísica’ que Freud reconhece

na descoberta do inconsciente pelo sujeito que ‘não é mais senhor de sua morada’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Esse sujeito-leitor imaginário é capitalista e totalmente “livre” – entre aspas porque, na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que o sujeito do gozo é livre para consumir o que quiser, sua liberdade é ilusória, pois é restrita pelo excessivo controle de uns pelos outros, exercido pela mídia, pelo *marketing* e pela superexposição nas mídias sociais (CORACINI, 2006). É um sujeito envolto pelo “ideal do eu que consiste em se destacar dos demais, em existir por si mesmo e a procurar a satisfação de suas aspirações pessoais por suas próprias qualidades, suas próprias aptidões, suas próprias riquezas e suas próprias performances” (ELIAS, 1991, p. 192 *apud* RÜDIGER, 1996, p. 160).

Mas, conforme apontam as respostas do questionário aplicado para a realização deste trabalho, analisadas no Capítulo 4, tanto de leitores quanto de não leitores de autoajuda, bem como os comentários analisados no Capítulo 3, o sujeito-leitor real nem sempre se mostra tão senhor de si, como o sujeito-leitor imaginário alinhavado pelo autor, ele é dotado de subjetividade particular, e interpelado por diferentes formações discursivas contemporâneas. É personagem da era do conhecimento, do consumo desenfreado, numa sociedade na qual o ter é primordial, as informações e as coisas se atualizam a cada minuto, e sujeitos, até mesmo os de grandes metrópoles, sentem-se a cada dia mais solitários e angustiados, tornam-se ainda mais individualistas e distantes de seus semelhantes. Elias (1991 *apud* HAROCHE, 2009, p. 38) observa que

um número cada vez mais importante de atividades que originalmente faziam com que o indivíduo interviesse inteiramente com todos os seus membros, limitam-se agora a olhos. [...] À medida que os movimentos do corpo se restringem, a importância da visão aumenta.

Para Haroche (2009), é mais fácil preservar a ordem social entre indivíduos que apenas se olham, não se tocam. Tal distanciamento estimula a indiferença para com o semelhante e reforça o individualismo que resulta numa sociedade observadora, de sujeitos que só agem a favor de si mesmos, que possuem um olhar de cobiça, consumista, situação oposta à de tempos remotos, quando “O indivíduo existia somente em fusão com a comunidade e não se concebia que pudesse ter

interesses pessoais exclusivos, que entrassem em choque com os coletivos” (CHAGAS, 1999, p. 22). Entretanto, nas sociedades dominadas pela ideologia capitalista, a preocupação com a coletividade, com a sociedade como um todo, cede lugar aos valores impostos pela cultura do consumo, e, assim, “o sujeito do consumo ou sujeito do gozo vive para si, por isso não faz laços, não se envolve, não assume compromissos que dificultem ou impossibilitem o desfrute da vida, o prazer, o sucesso pessoal” (CORACINI, 2006, p. 149). Isso quer dizer que o desejo de consumir e de obter a falsa liberdade que a posse de objetos e de dinheiro oferece ao sujeito tem se sobressaído, inclusive, às relações afetivas, que não podem, de modo algum, atrapalhar a trajetória idealizada pelo sujeito do gozo, como aponta a SD 4:

SD 4 – As pessoas ricas buscam a companhia de indivíduos positivos e bem-sucedidos.

Seguindo essa lógica individualista, de sujeitos que buscam relações que os beneficiem de alguma forma, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2012), em entrevista à Globo News, deu um depoimento que ilustra bem a postura desse sujeito contemporâneo, pós-moderno, paralisado frente às demandas da sociedade, concentrado em si mesmo, mas que observa o mundo à sua volta mais do que interage, questionando-se se alguém tomará uma atitude, mas sem refletir muito a respeito da situação, porque ele, provavelmente, estará ocupado demais consigo mesmo:

[...] quando eu era jovem, a principal pergunta que eu me fazia, e que [...] os jovens como eu se faziam, era: “O que deve ser feito? [...] O que fazer para melhorar a sociedade?” Hoje, a principal pergunta não é mais essa. As pessoas, no geral, estão ampla ou vagamente com medo ou ansiosas, mas não têm um modelo de uma sociedade perfeita. [...] Portanto, a principal pergunta hoje não é: “O que fazer?” As pessoas não chegam nem a pensar no que deve ser feito, porque, para chegar a essa pergunta, elas têm que passar por outra pergunta, que é mais difícil de responder: “Quem vai fazê-lo?” (BAUMAN, 2012).

Mas eis que em meio à solidão, à infelicidade, aos dígitos não tão atrativos de contas bancárias e à angústia, surgem receitas de felicidade, promessas de riqueza. Afinal, quem não quer ser um milionário?

Entre os livros mais vendidos no país (PUBLISH NEWS, 2012), e sucesso mundial, os livros de autoajuda apresentam ao leitor substância para preencher lacunas que atormentam o homem pós-moderno. Segundo a teoria de Birman sobre o sujeito na leitura, o texto apresenta-se “como sendo uma fonte de revelação para o sujeito pela atualização que promove de seus fantasmas” (BIRMAN, 1996, p. 56). No caso do sujeito que recorre ao texto de autoajuda, os fantasmas podem ser representados pelo desejo de tornar-se rico e de ser feliz, os quais encontram, em métodos aparentemente simples, um meio de suprir a falta e saciar desejos. A palavra *desejo*, neste estudo, será sempre utilizada na concepção psicanalítica freudiana trazida por Birman (2007): “Freud nos disse não apenas que o desejo estava no cerne do sujeito, mas também que era aquele que nos movia e nos dava alento para existir” (BIRMAN, 2007 p. 25), sendo, portanto, o que nos impulsiona a suprir a falta, o vazio existente em todos nós. Logo, aqui, o desejo não está vinculado ao seu sentido sexual, mas, sim, existencial. O sujeito desejanse é aquele sujeito sempre incompleto, sempre em busca de uma completude que não existe, pois sempre haverá falta, logo, sempre haverá desejo.

É importante destacar que, apesar de haver diversos pontos de contato entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, tanto de Freud quanto de Lacan, as duas áreas não se superpõem (FERREIRA, 2010), entretanto, acredito que complementam-se.

De acordo com Morales (2008, p. 40), cujo estudo em Análise do Discurso fundamenta-se, principalmente, no cotejo com a psicanálise lacaniana, “o sujeito está assujeitado aos significantes de seu desejo inconsciente, estruturado sob as leis da linguagem”. Tais significantes estão alicerçados no Outro, sendo o Outro, além do inconsciente e da ideologia, a própria linguagem (MARIANI; MAGALHÃES, 2011, p. 130), uma vez que “O tornar-se humano supõe necessariamente a inscrição em uma estrutura linguística pré-existente que tem um significante próprio” (MARIANI; MAGALHÃES, 2011, p. 128), estrutura essa carregada de sentidos, de historicidade, de uma cultura portadora de aspectos com os quais o sujeito irá concordar, divergir, questionar, conforme é interpelado pela ideologia dominante e relaciona-se com diferentes formações ideológicas, atribuindo seus “próprios” sentidos e identificando-se com formações discursivas, constituindo-se.

É importante destacar que, segundo Authier-Revuz (1990), há uma distinção entre outro e Outro. O discurso do outro seria aquele constituído por uma heterogeneidade mostrada, marcada ou não. Ainda segundo a autora, essas alusões remetem a um “alhures, a um exterior explicitamente especificado” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31), ou seja, são discursos nos quais o sujeito credita a autoria ao outro, com os quais ele dialoga. Portanto, tais fragmentos determinam “explicitamente fronteiras, limites, demarcações – [...] de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir [o discurso] – de outro lado, pelo tipo de relação que aí se joga com o outro” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31).

Já o Outro é aquele que escapa ao sujeito, é da ordem do inconsciente, constituído pela heterogeneidade constitutiva do discurso. De acordo com Authier-Revuz (1990, p. 33), “A presença do Outro emerge do discurso, com efeito, precisamente nos pontos em que se insiste em quebrar a continuidade, a homogeneidade fazendo vacilar o domínio do sujeito [...]”. Por isso, retomando o supracitado por Mariani e Magalhães (2011), esse Outro pode ser visto como a linguagem constituída antes da chegada do sujeito, que o atravessa e o constitui: “*constitutivamente*, no sujeito e no seu discurso está o Outro” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

O encontro do sujeito com o Outro e seus significantes faz com que o sujeito estabeleça uma relação de comparação da visão que o Outro tem dele e que ele tem sobre o Outro, ou seja, o sujeito constitui-se a partir do que o Outro não é. Sendo “a língua marcada pelo heterogêneo, pelos equívocos, pelo não fechável, pelo não totalizável, pela incompletude” (MARIANI; MAGALHÃES, 2011, p. 128), assim também o é o sujeito, incompleto, desejante, histórico e ideológico nas marcas do seu discurso. A forma como o sujeito lida com essa falta o estrutura e singulariza, tornando-o único.

No processo de leitura de autoajuda, esse desejo inconsciente de ser o melhor, o mais bem colocado diante da sociedade, como é o caso do sujeito-leitor imaginário do livro em questão, que, segundo a concepção freudiana de desejo, “circula na tessitura intrincada do texto que se apresenta” (BIRMAN, 1996. p. 55) e vai ao encontro de fragmentos que dizem ao sujeito-leitor o que fazer, como agir diante de suas dificuldades e anseios. Para Birman (1996. p. 55), a transformação

do texto de sinais gráficos para palavras carregadas de sentido está ligada à ordem da provocação, “pois o desejo do leitor é colocado em movimento mediante um fragmento do texto”. Esse desejo só é colocado em movimento porque “após a leitura de um texto que nos ressoa, o leitor não é mais o mesmo, já que algo de fundamental a respeito do seu ser e do seu desejo foi revelado e provocado pela leitura”. Ainda segundo o autor,

Com isso, o leitor se descobre como um sujeito desejante pela experiência da leitura, de forma que essa possibilita ao leitor uma intuição e até mesmo um conhecimento de si mesmo que eram inexistentes antes da leitura (BIRMAN, 1996. p. 55).

Desta forma, o sujeito-leitor imaginário de autoajuda identifica-se com os fragmentos que o reconhecem como um potencial vencedor, capaz de modificar sua própria vida, independentemente de qualquer situação em que ele se encontre, afinal, segundo o sujeito-autor:

SD 5 – Dinheiro é resultado, riqueza é resultado, saúde é resultado, doença é resultado. Vivemos num mundo de causa e efeito. (p. 22)

A concepção de que tudo é resultado visa conduzir o sujeito-leitor a crer que ele está no controle de sua vida, em todos os aspectos, inclusive no que diz respeito à saúde, pois, para se obter bons resultados, basta que o sujeito saiba administrar as causas. O que é uma maneira bastante restrita de ver a vida, como se tudo fosse simplesmente um amontoado de resultados, sem levar em consideração a condição miserável vivida por muitas pessoas, fatores genéticos, localização geográfica, cultura, acidentes etc.

Partindo para o aspecto ideológico da constituição do sujeito, se, para Pêcheux (2008, p. 147), “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”, o sujeito-leitor que busca um livro intitulado *Os segredos da mente milionária*, interpelado por uma formação ideológica capitalista, dominante, mesmo como parte da classe dominada, projeta-se, no discurso do sujeito-autor, integrante da classe dominante (milionário). Esse sujeito-leitor acredita que pode alcançar o topo da pirâmide, como se a luta de classes não mais existisse, pois “‘pensamos’, afetados pelo discurso da classe que

detém o poder material e espiritual. [...] Trata-se do efeito da própria luta ideológica de classes que faz com que, na maioria das vezes, simule, discursivamente, invisibilidade” (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 115). Essa invisibilidade mantém, de certa forma, a “tranquilidade” do sujeito, que, ao não reconhecer a luta de classes, submete-se com mais facilidade à classe dominante, a qual o rotula como “colaborador”, “associado”, e não mais como trabalhador. Dessa forma, o sujeito acredita-se importante, mesmo quando está na base da pirâmide, peça única, e vê, nesse suposto “reconhecimento” a chance de ascender socialmente. Trata-se de um sujeito iludido em meio à exploração. De acordo com Silva Sobrinho (2011, p. 118),

essa nova ordem mundial é fundada e iluminada pelos interesses capitalistas em transformação. É preciso, assim, não deixar de destacar o processo de precarização e exclusão do trabalho; perdas salariais e de direitos sociais; a seleção dos mais aptos; a vantagem dos mais astutos; as formas de dominação e subjugação do trabalhador, que incluem e/ou excluem determinados sujeitos; o aumento do controle/gestão sobre os trabalhadores, não só no que corresponde à força física, mas também nas exigências das capacidades intelectuais de resolução rápida de problemas sob os princípios da ‘cooperação’ e da ‘liderança’, visando uma produção mais competitiva; as políticas neoliberais, que delegam setores importantes como a educação e a saúde para a iniciativa privada; e tantas outras questões visíveis e (in)visíveis aos nossos olhos, que nos afetam implacavelmente.

Diante dessas exigências capitalistas, o sujeito encontra na literatura de autoajuda a possibilidade de ou atendê-las, atendendo ao discurso de que “o tijolo de baixo é que deve se adaptar ao de cima” (GEHRINGER, 2007 *apud* SILVA SOBRINHO, 2011, p. 114) ou modificar-se e ocupar um lugar na classe dominante, por meio do “‘eu posso’, marca da ideologia do empreendedorismo tão em moda nas academias” (MARIANI; MAGALHÃES, 2011, p. 137).

Esse discurso do “eu posso”, norteado pela racionalidade e que apresenta um capitalismo civilizado e sob controle, no qual é difundida a ideia de que por meio do próprio esforço todos têm as mesmas chances de conquistar uma boa posição social, o que é uma grande ilusão, é, segundo Bauman (1999), típico do homem moderno, um homem estruturado, que “sabe” o que fazer para alcançar seus objetivos, que administra a sua vida. Enquanto isso, o homem contemporâneo encontra-se em conflito. Em geral, devido à consciência pós-moderna, trata-se de um sujeito frustrado com os fracassos da modernidade, que mesmo tão estruturada e racional não foi capaz de preencher as lacunas dos sujeitos, ou seja, o “fracasso”

da modernidade gerou o homem pós-moderno. Este homem é confuso, angustiado, não sabe para que lado ir, pois o mundo contemporâneo oferece milhares de novas opções e exige novos conhecimentos todos os dias, por isso ele encontra conforto em livros que dizem exatamente o que ele não sabe: o que fazer para ter dinheiro e ser feliz.

No discurso de autoajuda, o desejo do sujeito contemporâneo está atrelado ao dinheiro e à felicidade, necessariamente nesta ordem. Como se o desejo, a falta, pudesse ser suprimida apenas com coisas. Segundo Mariani e Magalhães (2011, p. 137),

nunca foi tão aprofundado o processo de teatralização da consciência e da alienação do sujeito posta sob a lógica do sistema do capital, que ideologicamente induz o sujeito a ações em busca da felicidade individual, fazendo dessa a única meta da subjetividade, que se atribui um poder e um querer *sempre* associado a possuir, *sempre* em escala cada vez maior.

Conforme citado anteriormente, a cada dia o sujeito é submetido a mais e mais exigências no ambiente de trabalho. Mas as exigências não cessam nesse ambiente. A sociedade espera, exige, que ele seja bem-sucedido, leia-se: tenha uma boa casa, um bom automóvel, roupas e acessórios de marca para si e sua família, enfim o bem-sucedido é todo aquele que consome bens, mas não qualquer bem, bens atualizados e caros, afinal, na sociedade de consumo, o que é lançado hoje, “amanhã” já está ultrapassado, obsoleto, principalmente quando nos referimos a tecnologias e à moda. É preciso estar comprando sempre. Estamos na sociedade do efêmero. Nesse contexto, cada vez mais, o sujeito endivida-se e deprime-se, pois acredita que se não puder manter um certo nível de consumo, será um fracassado. E é nesse contexto que, muitas vezes, ele recorre à literatura de autoajuda.

3 FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD)

Para ampliar a compreensão sobre a noção de sujeito, objeto de estudo deste trabalho, é necessário delinear outros conceitos que dão corpo à teoria. Por isso, este capítulo trará à baila a noção de FD, afinal é nela que o sujeito se constitui, pois, de acordo com os pressupostos de Pêcheux (2008, p. 150), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a FD que o domina”.

Ainda segundo Pêcheux (2008, p. 147): “formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito*”. Ou seja, o sujeito vive numa sociedade, sob uma ideologia dominante, historicamente dada, que faz atuar formações ideológicas, nas quais a instância ideológica se concretiza (PÊCHEUX, 1997, 146). Essas formações ideológicas, que interpelam o sujeito e o levam a uma interpretação, dão origem a formações discursivas, com as quais o sujeito se identifica e que também estão presentes no discurso do sujeito. Assim, de forma um tanto generalizada, poderíamos dizer que o sujeito-leitor que busca o gênero autoajuda, que está sob uma formação ideológica capitalista, identifica-se com a FD que apresenta, através da linguagem, a riqueza como sinônimo de felicidade e solução de problemas – ou coloca-se na posição de mau sujeito, “aquele que se permite duvidar, questionar os saberes e não simplesmente reduplicá-los” (INDURSKY, 2008, p. 13). A partir dessa FD, o sujeito-leitor produz o “seu” discurso – e, aqui, o “seu” vai entre aspas porque o sujeito nunca é fonte de seu dizer, uma vez que essa FD com a qual ele se identifica está repleta de já-ditos.

Para exemplificar como o sujeito identifica-se, ou não, com a FD presente no discurso de autoajuda econômica, serão apresentadas postagens retiradas da *fanpage Quero ficar rico*³, disponível no Facebook, pois observamos que, apesar de possuir conteúdo da mesma linha do livro *Os segredos da mente milionária*, autoajuda econômica, a página conta com um diferencial interessante: seus leitores interagem com os discursos do autor por meio de comentários nas postagens, o que

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/QueroFicarRico>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

nos possibilita analisar o discurso do sujeito-leitor “real”⁴. A página, que contém dicas para alcançar a riqueza, possui, segundo informações estatísticas disponibilizadas pelo Facebook, 101.169 “curtidas”, ou seja, 101.169 pessoas recebem suas atualizações no seu *feed* de notícias, são consideradas fãs⁵ da página, sendo São Paulo a cidade onde ela é mais popular, e a faixa etária dos 25 aos 34 anos a que mais recorre à página. As seqüências discursivas selecionadas incluem o discurso, escrito e representado por imagens, do autor, Rafael Seabra, que se autodenomina educador financeiro e consultor de investimentos, e de alguns leitores das postagens.

É interessante destacar que as postagens, normalmente frases curtas acompanhadas de uma imagem e um *link*, publicadas no Facebook sempre remetem a um texto do *blog*⁶ do autor, como iscas que direcionam os leitores para um lugar no qual o conteúdo possui mais espaço. Mesmo assim, essas pequenas frases publicadas possibilitam uma diversidade de interpretações e de discursos dos sujeitos-leitores, revelando a existência de diferentes formações discursivas entre eles. Trata-se de uma jogada de *marketing*, na qual as redes sociais tornaram-se as principais aliadas na disputa pelo olhar do sujeito que, segundo pesquisa realizada pela comScore (ARAGÃO, 2012)⁷, utiliza o Facebook durante oito horas por mês no Brasil, mais que a média mundial, de seis horas mensais.

Nesse sentido, duas formações discursivas dominam as SDs que serão apresentadas neste capítulo: a FD tecnológica e a FD da autoajuda. Além de buscar a compreensão de como estas circulam nos discursos dos sujeitos-leitores reais do *corpus* em questão, também serão analisadas diferentes posições-sujeito presentes na FD de autoajuda, ou seja, as variadas formas como esses sujeitos relacionam-se com a forma-sujeito dessa FD.

⁴ Em oposição ao leitor imaginário constituído no discurso do autor, conforme análise no capítulo anterior.

⁵ É importante ressaltar que nem todas as pessoas que “curtem” uma *fanpage* são fãs do seu conteúdo. Muitas pessoas que não se identificam com a página “curtem” apenas para receber e criticar as atualizações em seus *feeds* de notícias. Por exemplo, um internauta ateu pode “curtir” um jornal católico apenas para poder expor ideias contrárias às postagens que tal jornal veicula, sob uma formação discursiva completamente diferente. Trata-se de uma não identificação do sujeito com a formação discursiva.

⁶ <http://queroficarrico.com/blog/>

⁷ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/66319-brasileiro-gasta-8h-por-mes-no-facebook-e-supera-media-global.shtml>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

Destacamos, pois, que a apresentação da FD tecnológica foi necessária por se tratar de análise de comentários numa *fanpage*, e que a FD que será analisada é a FD da autoajuda, pois esta é o objeto de estudo.

3.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA TECNOLÓGICA

Na contemporaneidade, ousa-se dizer que o surgimento da internet foi um dos acontecimentos que mais interferiu nas relações pessoais. Em casa ou no ambiente profissional, a tecnologia tornou-se uma ferramenta capaz de encurtar distâncias, facilitar relacionamentos, afinal, com um simples clique, é possível navegar por *sites* de todo o mundo, conversar e ao mesmo tempo ver parentes e amigos em países distantes, e até mesmo realizar reuniões de trabalho via videoconferência, bem como manter contato com pessoas que não se tem a oportunidade de encontrar com a frequência desejada, bastando enviar um *e-mail* ou uma mensagem via redes sociais, como Facebook ou Twitter, ou via telefone celular.

Além disso, a sociedade jamais teve tanto acesso à informação, diferentes formações discursivas servidas no banquete virtual, e tudo isso acessível de qualquer lugar, desde que o sujeito possua um computador, um *tablet* ou um *smartphone* com acesso à internet, objetos que se tornam obsoletos rapidamente, tendo em vista que

o mercado não pode esmorecer, não se satisfaz com a simples promoção da aquisição de mercadorias, mas oferece sempre novos aparelhos ao consumidor, oriundos de modificações incessantes ou atualizações que vão, por sua vez, apontando para novas necessidades [...]; afinal somos todos estimulados a acompanhar o que chamamos de “evolução” ou “progresso” ou “moda” (CORACINI, 2006, p. 137).

Segundo dados do Ibope Nielsen Online (IBOPE, 2012), atualmente, 70,9 milhões de brasileiros possuem acesso à internet em casa ou no trabalho, numa população de aproximadamente 190.732.694 pessoas (IBGE, 2010). Ou seja, grande parte da população, mas ainda menos da metade, possui acesso às novas tecnologias, ao seu mundo de informações e, também, encontra nele lugar para se expressar. Nesse ambiente,

é possível, para todo internauta, construir seu diário virtual – o chamado blog –, ou participar de salas de bate-papo, do Orkut etc., “espaços” (abstratos) onde é possível partilhar experiências, ansiedades e alegrias com os outros bloguistas (também denominados blogueiros ou bloggers pelos próprios participantes, grupos de companheiros que raramente se conhecem, que não se comprometem uns com os outros, que apenas “desabafam” ou inventam outras identidades, narrando-se sem se narrarem, dizendo-se, sem se dizerem (CORACINI, 2006, p. 145).

No entanto, ainda que não haja um comprometimento entre esses internautas, “estranhos-conhecidos”⁸, eles acabam formando tribos, aproximam-se em diferentes comunidades, nas quais é possível observar diferentes formações discursivas e posições-sujeito, como no caso dos fãs da página *Quero ficar rico*. Cada qual quer ser mais autêntico, mostrar seu diferencial, mas, ao mesmo tempo, são semelhantes em seus bandos. Trata-se do que Michel Maffesoli (1988 *apud* BAUMAN, 1999) denomina neotribalismo, o qual define que “As tribos do mundo contemporâneo [...] são formadas – como conceitos, mais do que corpos sociais integrados – pela multiplicidade de atos individuais de auto-identificação” (BAUMAN, 1999, p. 263).

Por outro lado, o sujeito virtual imaginário pode ser o que quiser: se é solitário, pode criar um personagem de vida social ativa, cheio de amigos; se é pobre, pode dizer-se rico etc. Esse sujeito também pode agir como ele mesmo e encontrar, no ciberespaço, coragem para divulgar sentimentos e opiniões que ele não divulgaria entre as pessoas com as quais tem contato pessoal, pois se sente protegido e “livre” da crítica face a face quando está sozinho, atrás da tela do seu computador ou dispositivo eletrônico com acesso à internet.

Outro ponto importante nos discursos dos sujeitos, na internet, é que eles possuem um alcance de dimensões muito maiores que fora dela, pois não é necessário que o sujeito faça parte de algum grande veículo de comunicação para que todas as pessoas do seu círculo de amizades, e até mesmo além deste, leiam suas publicações, nas redes sociais, *blogs* ou através de comentários interativos em *sites* de seu interesse. Tal característica difere radicalmente a internet das outras mídias, que possuem um processo no qual o sujeito-leitor, apesar de não ser

⁸ Acredito que “estranhos-conhecidos” seja um conceito que ilustre bem essa relação próxima, de identificação, e ao mesmo tempo distante, uma vez que, na maioria das vezes, não se conhecem pessoalmente, entre os internautas.

completamente passivo, possui poucas escolhas, afinal há uma programação previamente determinada. Em tais mídias, os espaços são menos ágeis e mais censurados, já que normalmente os discursos podem ser editados antes da divulgação, enquanto na internet observamos o processo de interlocução no mesmo momento⁹ em que os discursos são emitidos.

O modelo de comunicação da internet pressupõe uma interatividade, em que se exige maior atividade do “receptor”, muitas vezes no próprio momento em que a transmissão está acontecendo. Em alguns casos, o “receptor” torna-se, simultaneamente, comunicador ou, pelo menos, tem o poder de influenciar o comunicador no próprio instante da geração e transmissão de sua mensagem. Além disso, o “receptor” pode selecionar a abrangência e a profundidade com que os temas [são] tratados (CASTELLS, 2003a. *apud* SILVEIRA, 2004).

Importante destacar que tal modelo de comunicação está baseado na teoria de Jakobson, na qual

O destinador envia uma mensagem ao destinatário. Para ser operante, a mensagem requer antes um contexto ao qual ela remete [...], contexto apreensível pelo destinatário e que é verbal ou suscetível de ser verbalizado; em seguida a mensagem requer um código, comum ou ao menos em parte, ao destinador e ao destinatário [...] ao codificador e ao decodificador da mensagem). A mensagem requer, enfim, um contacto, um canal físico ou uma conexão psicológica entre o destinador e o destinatário, contacto que permite estabelecer e manter a comunicação (JAKOBSON, 1963, p. 213-214 *apud* PÊCHEUX, 1993, p. 81).

Essa perspectiva é contestada pela Análise do Discurso, para a qual, segundo Pêcheux (1993, p. 82), o termo *mensagem* é substituído pelo conceito de *discurso*, “que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B”, mas de efeitos de sentido. Além disso, para a AD, “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1993, p. 82), são sujeitos.

Diferenciadas as nomenclaturas, voltemos ao fato de que o sujeito percebe o alcance dos seus discursos no ambiente tecnológico e, muitas vezes, tenta destacar-se nesse ambiente divulgando saberes ligados ao cotidiano e aos desejos

⁹ Há *blogs* e *sites* que editam os comentários dos seus leitores, diferentemente do Facebook, onde os comentários podem ser visualizados assim que são publicados – o que não isenta o meio da censura, já que o moderador da *fanpage* pode deletar o que quiser.

mais comuns da sociedade, como é o caso do autor da *fanpage Quero ficar rico*, que publica dicas para se alcançar a riqueza.

Portanto, na FD tecnológica circula, principalmente, o saber de que um sujeito pode ser quem “quiser”¹⁰ e dizer o que “quiser”, e de que seu dizer não tem fronteiras, afinal ele pode estar no Brasil, ler um jornal do Japão e conversar com um amigo que mora no Canadá sem sair de casa.

Além disso, o sujeito contemporâneo, que tem acesso às tecnologias, está imerso num mar de informações, o que, muitas vezes, faz com que ele passe os olhos por muitos conteúdos, mas atenha-se a poucos, ou seja, conhece muita coisa com superficialidade, superficialidade esta bastante característica do sujeito pós-moderno e do discurso de autoajuda, ou seja,

O que nos orienta depende cada vez menos de saberes tradicionais e cada vez mais de elementos captados aqui e ali na mídia. Como se alimentar, como permanecer jovem, como conservar a saúde, como educar os filhos, o que há para ler? – para todas essas perguntas, são as reportagens e as obras de divulgação que, sem dar uma resposta definitiva, proporcionaram os termos, os dados, as informações do debate. Daí resulta um saber de massa essencialmente frágil, cada vez menos assimilado em profundidade (LIPOVETSKY, 2009, p. 266-267).

Além disso, esse sujeito tem substituído diversas relações pessoais por relações virtuais: amizades, compras, felicitações por datas importantes via cartões eletrônicos, e até mesmo o estudo, por meio de unidades de ensino a distância (EAD). Tudo isso tem influenciado muito no processo de individualização do sujeito contemporâneo, o que pode ter relação com o interesse pelos textos de autoajuda, como será apresentado a seguir.

3.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA DA AUTOAJUDA

Se na modernidade a sociedade contava com padrões estabelecidos pelo conhecimento para alcançar o sucesso – pelo menos essa era a promessa –, na

¹⁰ Poderia o sujeito ser e dizer o que quiser no ambiente virtual? Pela experiência com o meio, é possível dizer que até mesmo esse “querer” possui certos limites. Embora algumas pessoas se arrisquem a falar tudo que querem, a maioria ainda omite, bem como mascara, muitos de seus “quereres”, visando a manter uma reputação profissional, uma boa relação com a família, preservar amizades etc.

pós-modernidade, ela se depara com a contingência (BAUMAN, 1999), ou seja, com a noção do imprevisível, do inesperado que torna impossível uma vida plenamente planejada e controlada pelos sujeitos. Essa nova perspectiva traz consigo a vulnerabilidade, o sentimento de desorientação, afinal, aquele que não pode traçar racionalmente o caminho que leva aos seus objetivos, pois percebe que esse caminho conta com obstáculos contingentes, sabe que não é senhor de seu futuro, e isso pode causar frustração e medo.

Tal desorientação gerada pela falta de concretude da contemporaneidade, que é fluida¹¹, faz com que a sociedade viva em uma busca incessante pelo preenchimento do vazio que a ausência de padrões modernos deixou.

Como comentam Adorno e Horkheimer, a duradoura cicatriz intelectual e emocional deixada pelo projeto filosófico e a prática política da modernidade foi o medo do vazio; e o vazio era a ausência de um padrão universalmente obrigatório, inequívoco e executável (BAUMAN, 1999, p. 267).

Nesse contexto, os textos de autoajuda surgem como uma promessa de orientação para os sujeitos pós-modernos, como um resquício de racionalidade isento, mesmo que momentaneamente, da contingência, no qual muitos sujeitos agarram-se esperançosos, afinal o sujeito-leitor imaginário da autoajuda crê que é senhor do seu destino, conforme apresentado no capítulo anterior.

Na FD da autoajuda também é forte a concepção de individualismo, camuflada em meio às atroz exigências da sociedade capitalista, que impõe aos sujeitos que se diferenciem uns dos outros para alcançar destaque, prestígio, sucesso, “independência”¹². E para encontrar esse diferencial individual, um sujeito está sempre querendo ser melhor que o outro, muitas vezes ignorando os que estão ao seu redor ou utilizando-os como escada, numa competição acirrada e, muitas vezes, desigual. Toleram-se o outro mais do que se solidariza com sua condição (BAUMAN, 1999).

¹¹ Segundo o conceito de fluidez de Bauman, “os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças” (CORACINI, 2006, p. 134).

¹² A independência relacionada à noção de liberdade é uma palavra bastante recorrente nos discursos de autoajuda e será analisada neste capítulo.

Também é preciso estar focado nos objetivos. Mas não seria esse foco uma limitação da visão do sujeito e um reforço para o posicionamento individualista? Segundo Rüdiger (1996, p. 202), pode-se dizer que sim, pois

O individualismo engendrou uma cultura onde os homens são chamados, sem exceção, a ser mais do que são, a diferir dos demais e, no limite, constituir cada qual um mundo para si mesmo, com base na ideia de que possuímos em nós mesmos todos os recursos para tanto.

E é sob esses saberes, de que o sujeito tudo pode com sua força interior, que se desenvolvem os discursos de autoajuda. Ainda segundo Rüdiger (1996, p. 202), “a resposta que as pessoas encontram nos manuais de autoajuda é, em última instância, a de que as pessoas fracassam porque não acreditam em si mesmas, perderam a autoconfiança”, ou seja, após a leitura de autoajuda, é bem possível que, durante algum tempo, o sujeito tente dominar a si mesmo, seguindo a doutrina do livro, motivado pelo incentivo à autoconfiança. Tal “domínio” de si, essa “autonomia” ilusória do sujeito sobre seu dizer e suas atitudes, de acordo com o que Pêcheux (1997, p. 172) diz a respeito do “não dito”, do “já-dito” e do “dizível”,

consiste precisamente no funcionamento (concebido como autônomo) de uma *formação discursiva* no sentido em que a definimos, isto é, como espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma “intersubjetividade falante” pela qual cada um sabe de antemão o que o “outro” vai pensar e dizer..., e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro (uma vez que [...] cada um é o espelho dos outros).

Portanto, é possível dizer que o sujeito identifica-se com determinados discursos que pretendem preencher suas lacunas, o leitor reformula-parafrazeia tais discursos, da FD que o afeta, e por meio desse processo de reformulação acredita ser fonte autônoma do que diz, do que não diz e do que pode dizer.

Ainda segundo Pêcheux (1997, p. 173), a oposição entre o “sistema pré-consciente-consciente” e o “sistema inconsciente” define dois tipos diferentes do que a Análise do Discurso apresenta como esquecimentos pertinentes ao discurso, conceituados a seguir:

- esquecimento nº 1 (relacionado ao sistema inconsciente): “dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da

formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1997, p. 173), ou seja, o sujeito esquece que é interpelado pela ideologia, por isso crê ser fonte original do seu dizer;

- esquecimento nº 2 (relacionado ao sistema pré-consciente-consciente): “‘esquecimento’ pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase” (PÊCHEUX, 1997, p. 173), isto é, o sujeito pensa ter o controle sobre o seu dizer.

3.3 IDENTIFICAÇÃO, CONTRAIDENTIFICAÇÃO E NÃO IDENTIFICAÇÃO: ANÁLISES

SD 6



Conheça Eike Batista, o homem mais rico do Brasil:
<http://qfri.co/PMRtKy>”

Na SD 6, o autor de *Quero ficar rico* apresenta a imagem alegre de Eike Batista, qualificando-o como o homem mais rico do Brasil, e convida seus leitores a conhecê-lo, clicando no *link* que leva para a “matéria” publicada no *blog*. Foi constatado que o conteúdo dessa “matéria” é exatamente o mesmo publicado na enciclopédia livre *Wikipédia*, com poucas alterações e omissões bastante relevantes. O autor, que em seu discurso típico de autoajuda afirma que “o seu caminho é você quem faz”, coloca Eike Batista como um homem extraordinário, que fala cinco idiomas, formou-se na Alemanha e morou na Europa durante muitos anos, até que voltou ao Brasil e “criou e colocou em produção oito minas de ouro no Brasil, Chile e Canadá, entre 1980 e 2000”, o que deu início à sua fortuna. O que o autor não diz é que o pai de Eike, Eliezer Batista, é ex-presidente da Companhia Vale do Rio Doce

e ex-ministro das Minas e Energia (FGV, 2001), atividades relacionadas ao mesmo nicho de negócio no qual Eike “criou” sua fortuna. Tal informação não foi omitida por acaso no *blog*, afinal, como se sentiria o sujeito-leitor real ao deparar-se com um exemplo de bilionário que não veio de família humilde ou de classe média? Sabendo que Eike veio de uma família rica e influente nos meios político e empresarial, esse sujeito teria a autoconfiança pregada pela autoajuda para ser senhor do seu destino e se tornar o que quisesse? Possivelmente, esse dado poderia causar uma não identificação de muitos sujeitos-leitores.

A partir da interpelação por uma FD da autoajuda, vários sujeitos-leitores reais registraram suas posições em comentários que se localizam ao lado da postagem, o que também pode causar a influência de uns sobre os outros, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Disposição de postagem e comentários no Facebook.



Fonte: Adaptada de *Quero ficar rico*.

Cada um dos comentários dos sujeitos-leitores reais revela a posição desses sujeitos. Se for considerado o fato de que 398 pessoas curtiram a postagem¹³, como mostra a figura, pode-se dizer que o mesmo número de sujeitos se identificou com a sua FD.

¹³ Notamos que nem todos os sujeitos que curtem a *fanpage* identificam-se com ela (ver Nota 5), mas, em geral, os que curtem as postagens e comentários identificam-se com eles.

Os discursos, que neste capítulo estão sob a forma de comentários, do sujeito-leitor podem superpor-se à forma-sujeito da FD que o afeta, caracterizando o discurso do bom sujeito (INDURSKY, 2008); ou podem questionar, duvidar e contestar os saberes dessa forma-sujeito, mas sem que isso implique a desidentificação com a FD, caracterizando o mau sujeito e a contraidentificação, conforme citado no início deste capítulo, ou também podem demonstrar uma não identificação do sujeito com a FD. Há ainda o processo de desidentificação, que, segundo Indursky (2008, p. 15), “implica não mais estar identificado com uma determinada FD porque, de fato, este mesmo sujeito já identificou-se com uma outra formação discursiva”, no entanto, não há formas de se detectar quando esse processo ocorre nas SDs selecionadas, por isso, aqui, serão considerados apenas os processos de identificação, contraidentificação e não identificação dos sujeitos-leitores reais, referentes à postagem do autor supracitada, conforme segue.

3.3.1 Identificação

SD 7 – KRPM: Eis o homem que sabe fazer dinheiro, e como sabe!!! O homem do x!!!!!!¹⁴

Além de mostrar identificação com a mesma FD do autor, KRPM afirma que Eike Batista sabe, e muito bem, fazer dinheiro. Ao complementar com “e como sabe!!!”, KRPM está enfatizando que o empresário não só sabe como sabe *muito* bem como fazer dinheiro, produto do seu esforço, do seu trabalho, afinal é o homem mais rico do país. O verbo “fazer” também transmite uma ideia de autonomia desse sujeito, ele *faz* o dinheiro, aproxima-se do sujeito imaginário da autoajuda, que pode e que faz. Ao dizer que o empresário é “o homem do x!!!!!!”, o autor do comentário faz referência ao livro *O X da questão*, autobiografia de Eike Batista, ou seja, mostra que sabe da existência do livro.

Em geral, os sujeitos que se mostraram identificados com a FD da autoajuda demonstraram admiração a Eike Batista, vendo nele um exemplo, como ilustra a SD 8:

¹⁴ Todas as SDs serão mantidas em sua forma original, exatamente como foram publicadas, sem correções. Os nomes dos autores foram substituídos por iniciais.

SD 8 – MS: e um exemplo para todos nos q queremos subir mais subir muito mesmo.

Nessa SD, o sujeito MS ainda se coloca na primeira pessoa do plural, como um porta-voz da sua neotribo virtual, que representa aqueles que querem “subir mais subir muito mesmo”. Aqui, o “subir” está diretamente atrelado à posição social, na qual o sujeito acredita que quanto mais sobe, mais ele se aproxima do seu exemplo; quanto mais adquire dinheiro, mais ele pensa estar escalando a pirâmide social. Sim, ele parece pensar, pois a base dessa pirâmide é o local que comporta a maioria dos brasileiros. Só para se ter uma ideia, segundo o jornalista André Forastieri (2011), apenas cerca de cinco mil famílias brasileiras possuem patrimônio equivalente a 40% do PIB (produto interno bruto) do país, estão no topo da pirâmide, totalizando aproximadamente 294 milhões de reais por família. Encabeçando esta lista atualmente está Eike Batista.

Há, inclusive, quem admire tanto o empresário que até o eleva à categoria de entidade:

SD 9 – MG: ilumine a minha mente

Essa mescla de racionalidade com espiritualidade é bastante comum nos comentários da página, criando o embate entre o homem que pensa ser o centro de tudo, racional, capaz, arquiteto da sua vida, e o homem que reconhece que não é nada sem uma força espiritual. São sinais da constante contradição do homem pós-moderno.

SD 10 – RS: Quero ser com o esse cara... Me ajuda Senhor...

A SD 10, apesar de também conter essa mescla entre espiritualidade e racionalidade, mostra o sujeito identificado com uma FD religiosa, pois não trata, genericamente, apenas, de algo sobrenatural – como na SD 9, na qual MG pede que, sobrenaturalmente, Eike Batista ilumine sua mente –, mas faz referência ao Senhor, que representa Deus, entidade máxima de diversas religiões (judaica, cristã...). A palavra “Senhor” marca a posição-sujeito de RS, portanto, os sentidos que este sujeito dá ao alcance da riqueza, à prosperidade, estão ligados a essa religião, que não se pode definir qual é por falta de dados, mas que, como todas as que possuem uma entidade máxima como Deus, coloca o “Senhor” como um ser que está no controle de todas as coisas. Além disso, ao dizer “Quero ser com o esse cara...”, o sujeito se identifica com o empresário a ponto de querer ser como ele, o

que faz parecer que sua admiração vai além da posição econômica de Eike Batista, incluindo outros aspectos de sua vida pessoal.

SD 11 – MC: pense num homem bem sucedido que deus abençoe ele sempre!

Na SD 11, além de também ser atravessada por uma FD religiosa, há uma manifestação de como o sujeito MC acredita ser um homem bem-sucedido: “pense em um homem bem sucedido”. Tal manifestação nos faz colocar em questão o conceito de bem-sucedido. Afinal, o que é ser bem-sucedido? Seria preciso ter um patrimônio bilionário, como o de Eike Batista para se alcançar tal *status*? A partir de tais posições-sujeito, nota-se que o conceito de bem-sucedido é totalmente relativo. Para um, bem-sucedido é ser bilionário como Eike Batista, e possivelmente esse sujeito jamais estará satisfeito, estará sempre em busca desse desejo de alcançar uma riqueza quase inalcançável, tudo para atingir níveis absurdos de consumo, para ter o melhor carro, uma mansão aqui outra ali, enfim, uma quantidade de dinheiro que parece poder comprar tudo, que para cidadãos comuns é até difícil de imaginar a proporção, tendo em vista que o salário mínimo do brasileiro é de 622 reais por mês. Um morador de rua pode se achar bem-sucedido ao conquistar um teto para viver e garantir algumas refeições diárias, um estudante pode se considerar bem-sucedido por ter um estágio e conseguir cursar uma universidade – o que pode variar segundo o momento da vida em que cada um está, alterando, segundo as condições de produção que o cercam, o seu discurso.

3.3.2 Contraidentificação

A contraidentificação caracteriza o mau sujeito, aquele que questiona, que diverge de alguns aspectos da forma-sujeito. Não há uma desidentificação com a FD que o interpela nem uma não identificação, há uma identificação parcial, conforme apontam as SDs 12, 13 e 14.

SD 12 – ATB: DIZEM QUE ELE REPRESENTA ALGUNS GRUPOS POLITICOS. SERÁ?

A SD 12 é um questionamento do sujeito ATB, que lança apenas uma pergunta, não se posiciona a favor nem contra a FD da postagem. Entretanto, o

verbo “dizer” com o sujeito indeterminado, “dizem”, atribui o discurso sobre Eike Batista a “eles”, sem uma definição de quem são “eles”. Ou seja, provavelmente ATB está reproduzindo um discurso já dito, mas que, no entanto, ou não lembra quem disse ou prefere não citar a fonte, mantendo-a indefinida. Ao questionar-se, “será?”, o sujeito pode realmente estar com dúvidas a respeito da informação, buscando, entre a sua neotribo, respostas (que não apareceram). O sujeito também poderia estar querendo semear um questionamento entre todos que se identificaram com o empresário, mas, tendo em vista que não deu segmento à informação, tampouco lançou algum argumento posteriormente, o mais plausível é que ele realmente tivesse a dúvida apresentada, que está relacionada, segundo foi apresentado na seção 3.3, com o fato de que Eike Batista iniciou seu megainvestimento na área de minas e energia tendo um pai ex-ministro de Minas e Energia e presidente de uma das maiores companhias da área do Brasil, a Vale do Rio Doce, o que certamente, via política, pode ter retirado e ainda estar retirando algumas pedras de seu caminho.

SD 13 – ACMR: Tenho um amigo de São Paulo, que já trabalhou na empresa dele (EMX), o cara é engenheiro de minas, com especialização em construção de túneis, foi prá lá tocar um projeto (ferrovia Carajás/Santos), e só aguentou seis meses, o salário era R\$ 22.000,00, chegou a fazer um curso em Massachusetts/EUA, mas desistiu ao longo de seis meses. Ele relatou que tudo é cronometrado, desde a hora que entra, até a hora que sai, quanto tempo voce leva para tomar o cafezinho, ir ao wc, lanchar, etc., ao final do expediente, você tem que fazer relatório do que fez, se estiver fora do cronograma, leva um puxão de orelha, e olha que o cara era líder de equipe.

O sujeito ACMR também apresenta um fato novo em relação a Eike Batista, mostrando que em seu mundo nem tudo é perfeito e maravilhoso, como muitos podem imaginar. Segundo esse sujeito, mesmo recebendo vinte e dois mil reais por mês, o engenheiro que ele diz ser seu amigo “só aguentou seis meses” de trabalho em um dos grupos de Eike, por ter todo seu tempo cronometrado, inclusive o tempo que levava para ir ao banheiro. Além disso, se ao final do dia o funcionário saísse do cronograma estabelecido, levaria um “puxão de orelha”, que seria um sermão proporcional à “ineficiência”. Mas, afinal, não seria a conquista de uma posição social privilegiada, como a desse engenheiro, uma das conquistas para se obter a

independência financeira e a “liberdade” tão almejadas? Que tipo de liberdade é essa, na qual um sujeito, ao mesmo tempo em que recebe vinte e dois mil reais por mês, remuneração muito acima da média brasileira, tem até mesmo o tempo que dedica para fazer suas necessidades fisiológicas cronometrado?

Tal posicionamento traz à tona uma questão importante: o que seria essa liberdade contemporânea da qual o sujeito pós-moderno tanto corre atrás? Segundo Bauman (1999, p. 259),

ao contrário da ciência e da ideologia política, a liberdade não promete certeza nem garantia de nada. Causa portanto um bocado de dor de cabeça. Na prática, significa uma constante exposição à ambivalência, isto é, a uma situação sem qualquer solução determinável, sem qualquer opção segura, sem qualquer conhecimento irrefletido de “como continuar”.

Sendo assim, torna-se evidente o fato de que o desejo pela liberdade, tão característico nos sujeitos pós-modernos, é o que os deixa mais perdidos, afinal a liberdade oferece tantos caminhos que acaba por tornar esse sujeito cada vez mais confuso, sem saber como agir, para onde ir, e que torna-se facilmente seduzido pelos textos de autoajuda. Mas voltando ao caso do engenheiro que se enquadraria perfeitamente no perfil de homem bem-sucedido aos olhos de muitas pessoas, e que possivelmente seja uma das faces da independência financeira, do ser que conquistou a liberdade, nota-se que ele não era livre, pois seus movimentos deveriam se enquadrar dentro do cronograma do grupo de Eike, ou seja, Eike o comandava. Mas e Eike Batista, seria livre? Possivelmente não, pois, aparentemente, está preso ao desejo de acumular mais e mais dinheiro, e cronometra o tempo de seus subordinados para cumprir prazos, atender com eficiência aos seus clientes. Todos prisioneiros da formação ideológica capitalista.

SD 14 – LV: nao precisava tanto pouco ja me satisfas

No discurso do sujeito LV, na SD 14, ele manifesta um conceito diferente de bem-sucedido, que complementa a análise da SD 11. Aqui, ao dizer que “não precisava tanto”, tem-se a noção de que a riqueza de Eike Batista vai muito além do que esse sujeito concebe para sentir-se bem-sucedido. Ele ainda complementa afirmando que “pouco ja me satisfas”, mas não concretiza o que seria esse pouco, que também é bastante vago, tendo em vista que o que é pouco para um morador

de rua certamente não é o mesmo pouco de um operário que, por sua vez, não é o mesmo pouco de um empresário.

3.3.3 Não identificação

Na não identificação, conforme supracitado, na seção 3.3, o sujeito não se identifica com a FD do discurso que lê. No caso da postagem sobre Eike Batista, a maioria dos comentários apontava para uma identificação, mostrando que os internautas que interagiram com aquele discurso tinham certa admiração pelo empresário. O curioso é que apenas um comentário, dos quarenta e sete que havia até o dia 25 de novembro de 2012, indicava uma não identificação dos sujeitos com a FD apresentada.

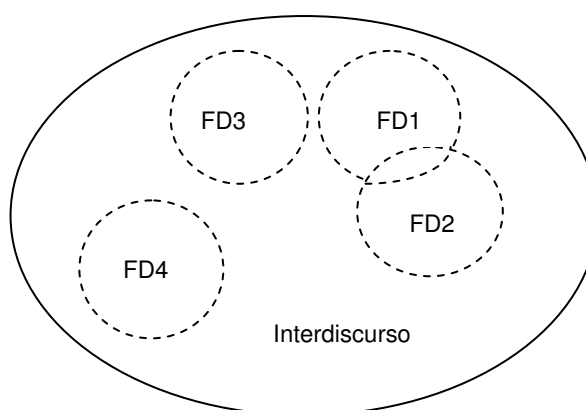
SD 15 – CM: Bandido!

O sujeito CM chama Eike Batista de bandido, talvez por não acreditar que toda a fortuna do empresário tenha sido conquistada de maneira lícita. No entanto, a partir desse discurso, fica o questionamento: Eike batista rouba? De quem? Independentemente das respostas que poderiam surgir, mas não surgiram nem dos identificados, nem dos contraidentificados, tampouco de possíveis outros não identificados (ou foram deletadas). A única certeza que se tem a partir dessa SD é que o sujeito CM não se identifica com a FD da postagem, ou seja, não admira Eike Batista nem o vê como exemplo, mas isso não significa que ele não seja identificado com a FD da autoajuda.

4 PRÉ-CONSTRUÍDO

Tão importante quanto compreender a atuação da FD, que determina o que o sujeito pode e deve dizer é compreender de onde vêm e que elementos compõem os já-ditos, mencionados no capítulo anterior, que tecem os discursos dos sujeitos sem que eles se deem conta disso, ou seja, inconscientemente. Conforme apresentado no capítulo anterior, esses dizeres são determinados por formações discursivas que dissimulam, de acordo com Pêcheux (1997, p. 162), “*sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações ideológicas [...]*”, o *interdiscurso*, “lugar” de onde vêm os já-ditos, conforme esquematizado na Figura 3:

Figura 3 – Relação do interdiscurso com as FDs.



Fonte: Autora.

Na Figura 3, a FD 1 representa a formação discursiva dominante na maioria dos discursos de autoajuda, a formação discursiva da autoajuda, e a FD 2, a formação discursiva tecnológica, entrelaçada à FD 1 em grande parte das SDs analisadas no capítulo anterior. A FD 3 representa a formação discursiva de cunho religioso, também presente em algumas SDs analisadas, e a FD 4 representa uma formação discursiva mais distante das demais, a de sujeitos-leitores que curtem a *fanpage*, mas não se identificam com ela (ver Nota 5) e criticam as postagens lá publicadas, uma formação discursiva contrária à FD da autoajuda. Tal representação ilustra algumas das formações discursivas encontradas no *corpus* analisado no

capítulo anterior e o modo como elas se posicionam no interdiscurso, que “é da ordem do já-dito e pode determinar a configuração de diferentes FDs” (CAZARIN, 2010, p. 105).

4.1 SUSTENTANDO A NOÇÃO DE PRÉ-CONSTRUÍDO: ANÁLISES

Entre o sujeito, a FD e o interdiscurso há outra noção de suma importância para a Análise do Discurso: o pré-construído. Segundo Pêcheux (1997, 164), “o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)”, mas se diferencia dos já-ditos, uma vez que “pré-construído qualifica a forma da expressão na medida em que ela limita a interpretação, enquanto o já-dito depende do conteúdo (proposicional ou nocional)” (MARANDIN, 1994, p. 131). A noção de pré-construído leva a pensar sobre como palavras são carregadas ideologicamente, como portadoras de um sentido que parece muito óbvio no discurso do sujeito, conforme observaremos nas SDs que integram o *corpus* deste capítulo, retiradas do questionário sobre autoajuda aplicado com leitores e não leitores do gênero. Vejamos a SD 16, em resposta à Questão 9 – “Como você diferencia ‘algum conforto’ de ‘uma situação ricamente confortável?’” (APÊNDICE A)¹⁵:

SD 16 – PSL: Algum conforto se refere a possuir uma situação econômica um pouco superior sua necessidade (classe média). Já uma situação ricamente confortável se refere a possuir bem mais que a necessidade, podendo fazer grande parte dos caprichos que se deseja.

Nessa SD, o entrevistado PSL, que se mostra identificado com a mesma FD com que se identifica o autor do livro *Os segredos da mente milionária*, afirma o que significa, para ele, “algum conforto” e uma “situação ricamente confortável”. Nas duas definições, ele utiliza a palavra “necessidade”, evidenciando que aquele que tem “algum conforto” possui uma situação econômica um pouco acima da sua necessidade, seria uma pessoa da classe média, o que também define sua visão

¹⁵ Foi elaborado um questionário com base em trechos do livro *Os segredos da mente milionária*, e esse questionário foi respondido por doze pessoas.

dessa classe, que seria a classe daqueles que têm uma situação econômica um pouco superior à sua *necessidade*, enquanto aquele que possui uma situação ricamente confortável consegue adquirir muito mais que a *necessidade*. Esse conceito de necessidade, que parece óbvio para o entrevistado, como se fosse um conceito universal, é um pré-construído, pois, de acordo com Pêcheux (1997, p. 171),

remete simultaneamente “àquilo que todo mundo sabe”, isto é, aos conteúdos de pensamento do “sujeito universal” suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma situação dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do “contexto situacional”.

Ou seja, o sujeito esquece que o conceito de “necessidade” não é óbvio, mas está de acordo com a sua posição sujeito na FD com a qual ele se identifica. De acordo com Marandin (1994, p. 131), essa impressão se dá porque “O pré-construído designa uma situação onde o modo de organização do objeto é indistinguível de seu modo de interpretação”, ou seja, a forma torna-se ligada à interpretação do sujeito do discurso, como se fosse a única interpretação possível. No entanto, esse elemento muda de significado conforme a posição sujeito e a FD. Para um operário, por exemplo, necessidade pode ser garantir o alimento de sua família durante o mês inteiro, enquanto para um executivo, pode ser adquirir o celular mais moderno, que lhe permita agilizar o seu trabalho. Cada lugar social possui a sua necessidade.

Sintaticamente, quem tem necessidade, tem necessidade de alguma coisa, ou seja, nesse caso, “necessidade” exige um complemento nominal, que definirá a posição do sujeito no discurso. A partir da manifestação do complemento, podemos observar a FD que está em jogo e diferentes interpretações. Por isso que, na SD 16, “necessidade” é designada como um pré-construído: não há complemento, a palavra é dita como se possuísse um único significado, o significado atribuído pelo autor. No entanto, a partir de outras pistas do discurso, podemos analisar a posição desse sujeito. O esquema abaixo simula a variação da necessidade segundo o lugar social, supondo que Y é um empresário e X é um trabalhador da classe operária¹⁶, ambos imaginários.

¹⁶ Courtine (1975 *apud* ORLANDI, 2003, p. 90) apresenta a noção de X e Y para o socialismo e o capitalismo, respectivamente, o que inspirou esse esquema.

Y tem necessidade *de morar em uma bela casa*
 de tecnologia de ponta
 de carro de luxo
 de estar na moda
 de gerar lucro

X tem necessidade *de garantir moradia*
 de garantir alimento
 de garantir transporte
 de ter um trabalho
 de se vestir

Obviamente, Y também tem as mesmas necessidades de X, no entanto, para ele, são tão básicas e fáceis de alcançar que seu padrão de vida exige outras necessidades, que vão muito além das possibilidades de X.

Para Marandin (1994, p. 130),

A noção de pré-construído não pertence à teoria que estuda os modos de organização da linguagem (a teoria do que chamo *língua*); ela depende de uma teoria que estuda o funcionamento da linguagem numa formação social.

Isso mostra que a noção de pré-construído vai além de elementos sintaticamente organizados no discurso do sujeito, ela está ligada à ordem do social, da ideologia.

4.2 RELAÇÃO DAS PERGUNTAS COM AS RESPOSTAS: O CONSTRUÍDO E O PRÉ-CONSTRUÍDO

Hansen (2010, p. 148), quando trata de dois momentos da criação publicitária, diz que:

Dito de maneira mais simples, os pré-construídos vindos do interdiscurso e que se atravessam no segundo momento discursivo somente são mobilizados graças aos sentidos empregados pelo momento discursivo anterior.

Deslocando essa noção para este estudo, é possível dizer que os pré-construídos vindos do interdiscurso e que se atravessam no discurso dos entrevistados, que formam o segundo momento discursivo, somente são mobilizados graças aos sentidos empregados pelo momento discursivo anterior, que seriam os trechos do livro *Os segredos da mente milionária* e as perguntas que os acompanham. Com essa comparação, notamos que, com frequência, os entrevistados fazem uso da forma, dos elementos que constituem o discurso da entrevistadora, como podemos observar na resposta à Questão 8:

As pessoas ricas assumem o compromisso de serem ricas.

*As pessoas de mentalidade pobre gostariam de ser ricas.*¹⁷

8) Por esta lógica, seria possível uma pessoa com mentalidade pobre não ser pobre? Dê um exemplo.

Pela FD em que o autor do livro está inserido, detalhada no Capítulo 2, e pelo direcionamento da pergunta, o entrevistado da SD 17, MS, apesar de atribuir outro sentido para a palavra “pobre”, mantém a forma sob outra FD, que atribui outro sentido, que não o relacionado ao dinheiro:

SD 17 – MS: Sim. Uma pessoa que possui muito dinheiro e é pobre de espírito, sentimentos e valores.

Nesse caso, “pobre de espírito, sentimentos e valores” são pré-construídos da FD com que o sujeito entrevistado se identifica, que atribui a essas formas o sentido de mentalidade pobre. Trata-se de pré-construídos tomados como noções óbvias de pobreza de espírito, sentimentos e valores, uma vez que nenhuma dessas noções é especificada/exemplificada segundo essa FD.

Também há uma não identificação de MS com o discurso do livro, pois, segundo seu autor, pessoas de mentalidade pobre enviam mensagens contraditórias ao “universo”, ou seja, não sabem o que querem, logo, o “universo”, “confuso”, não

¹⁷ No início do questionário, consta a informação de que as afirmações são trechos do *best-seller Os segredos da mente milionária*, de T. Harv Eker.

responde com as oportunidades certas, enquanto MS vê a mentalidade pobre como pobreza de espírito, sentimentos e valores. Com esse discurso, o autor, assim como nas SDs 9, 10 e 11, traz um elemento espiritual, o “universo” como uma força superior, que sai da linha racional do “eu posso tudo com meus pensamentos e ações”, do sujeito do inconsciente, e submete-se a um plano sobrenatural, reconhecendo um tipo de interferência exterior ao sujeito.

4.3 “EU QUERO, EU POSSO!”: PRÉ-CONSTRUÍDO E O EFEITO MÜNCHHAUSEN

Na SD 18, em resposta à Questão 5 – “Você considera que é fácil ou difícil praticar tais ensinamentos [sobre os livros de autoajuda lidos pelo entrevistado]? Por quê?” (APÊNDICE A) – percebemos esse sujeito inconsciente, que esquece que é interpelado pela ideologia, que vem sendo mencionado desde o início deste estudo, dono de seu destino, tão comum nos discursos de autoajuda, quando ele afirma ser “fácil” aplicar os ensinamentos dos livros de autoajuda que leu, introduzindo um pré-construído da FD com a qual se identifica

SD 18 – PC: fácil... porque geralmente tu ta psicologicamente no fosso e por isso qualquer coisa que faças para mudar esta realidade te ajudara a reverter a situação... e os caminhos propostos pelo livro-autor são a receita de bolo...

Além de achar fácil seguir os ensinamentos dos livros, essa SD também chama atenção por ser praticamente uma paráfrase da cena que Pêcheux cita para ilustrar o efeito Münchhausen: “barão que se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos” (PÊCHEUX, 1997, p. 157), que pode ser entendido como o “apagamento do fato de que o sujeito resulta de um processo, apagamento necessário no interior do sujeito como ‘causa de si’, tem como consequência [...] a série do que se poderia chamar as fantasias metafísicas” (PÊCHEUX, 1997, p. 157). O efeito Münchhausen pode ser observado quando o sujeito tem a sensação de que tem total domínio de si. No caso do sujeito PC, ele acredita que pode se erguer do fosso psicológico fazendo qualquer coisa, de um modo tão simples quanto seguir uma receita de bolo.

Mais um exemplo do efeito Münchhausen pode ser observado na SD 19, resposta do entrevistado CM à Questão 12 – “Você acredita que é possível ao sujeito ter total domínio sobre o andamento de sua vida?” (APÊNDICE A).

SD 19 – CM: Em geral, é possível sim – até mesmo doenças e acidentes podem ser previstas e asseguradas.

Nessa SD, além de estar claro que o sujeito acredita ter praticamente total domínio sobre o andamento de sua vida, percebe-se o que ele interpreta como “domínio”, elemento utilizado no enunciado da Questão 12, apesar de não utilizar a forma para expressar esse sentido, o que caracterizaria o pré-construído. CM relaciona o domínio do andamento de sua vida com a prevenção de contingências, como doenças e acidentes. Mas se, por um lado, ele pode se prevenir de várias enfermidades mantendo uma alimentação saudável, fazendo exercícios físicos e tendo um bom plano de saúde, bem como evitar acidentes utilizando equipamentos de forma adequada, não bebendo antes de dirigir etc., por outro lado, há fatores genéticos, e até socioeconômicos que impedem tal prevenção, como um infarto fulminante em um jovem aparentemente saudável, as dezenas de casos de pessoas que morrem aguardando um atendimento médico do SUS, e os acidentes provocados por terceiros, nos quais de nada adianta prevenir-se.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ilude-se todo aquele que acredita que uma pesquisa tem, necessariamente, uma conclusão. Assim como um autor, muitas vezes, crê que sua obra nunca está concluída, que ela pode ser reescrita infinitamente, assim também o é com o pesquisador. Acreditamos que sempre há espaço para a ampliação ou redução de algum ponto, para novas referências, mudanças e correções. No entanto, assim como um autor precisa pôr um ponto final na sua obra para que possa publicá-la, o pesquisador, mesmo na ânsia de continuar, necessita desse mesmo ponto final. E é chegada a hora de determinar a conclusão ilusória e apresentar o resultado, ou as impressões gerais, deste trabalho àqueles que podem colaborar com a sua continuidade.

Neste estudo, imperou o desejo pela compreensão dos sujeitos em contato com discursos de autoajuda. Tendo em vista que a pluralidade de posições sujeitos, bem como de formações discursivas, nos discursos do *corpus* é riquíssima, foi impossível traçar um padrão dos sujeitos-leitores do gênero, o que já era sabido desde o início, e não era o objetivo deste trabalho. Mas analisar essas posições e a atuação das formações discursivas sobre esses sujeitos foi uma atividade que não só permitiu que lançássemos um olhar diferenciado sobre os textos de autoajuda, evitando o tradicional preconceito, mas que tornou esse olhar mais crítico, que viu nesse fenômeno, que vende milhares de exemplares nas livrarias de todo o mundo e borbulha na internet, um sintoma social que não pode ser ignorado, na medida em que tais discursos dizem o que muitos sujeitos querem saber, são fontes de desejos insaciáveis da contemporaneidade.

O mais interessante foi ter a oportunidade de aprofundar os estudos sobre a sociedade contemporânea por meio das sequências discursivas analisadas, afinal, a ideologia e a linguagem que nela circulam nos constituem como sujeitos. Ver a importância atribuída ao capital, não só nas SDs analisadas, mas em muitos dos discursos com os quais tivemos contato ao longo deste trabalho, foi compreensível e preocupante ao mesmo tempo, afinal vivemos numa sociedade capitalista, na qual é preciso adaptar-se para não sucumbir, mas, ao mesmo tempo, leva-nos a refletir sobre até que ponto esses sujeitos tão desejantes de sucesso, de dinheiro, de uma posição milionária seriam capazes de ir, do que eles são capazes para alcançar

esses objetivos, e por que querem acumular tanto dinheiro, se jamais conseguirão suprir o vazio que cada um carrega consigo, e se ninguém é capaz de se livrar das contingências da vida. Nesses aspectos, o efeito Münchhausen, apresentado no Capítulo 4, segue atuando, fazendo com que os sujeitos acreditem que podem tudo, até ser milionários e controlar doenças.

Sabemos que muitas outras noções pertinentes à Análise do Discurso estão presentes nas SDs analisadas, e que muito mais poderia ser dito a respeito delas. No entanto, como não seria possível esmiuçar cada uma delas em apenas uma monografia, acreditamos que as noções de sujeito, formação discursiva e de pré-construído deram conta de uma parcial compreensão dos sujeitos nos discursos de autoajuda, pretendida no início.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Marianna. Brasileiro gasta 8h por mês no Facebook e supera média global. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 set. 2012. Folha Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/66319-brasileiro-gasta-8h-por-mes-no-facebook-e-supera-media-global.shtml>>. Acesso em: 08 nov. 2012.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **“Nós hipotecamos o futuro”** [12 jan. 2012]. Entrevistado por Sílio Boccanera. Inglaterra: Globo News, 2012. Disponível em: <<http://www.videolog.tv/video.php?id=791710>>. Acesso em: 12 set. 2012.
- BIRMAN, Joel. O sujeito desejante na contemporaneidade. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do Discurso**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 21-36.
- _____. O sujeito na leitura. In: BIRMAN, Joel. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 53-68.
- CAZARIN, Ercília Ana. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 103-118, jan./jun. 2010.
- CHAGAS, Arnaldo Toni Souza das. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social**. Ijuí: Unijuí, 1999.
- CORACINI, Maria José. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (Orgs.). **Práticas identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 133-156.
- EKER, T. Harv. **Os segredos da mente milionária**. Trad. de Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 17-34, jan./jun. 2010.
- FGV. Eliezer Batista. In: **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/eliezer_batista>. Acesso em: 18 nov. 2012.

FORASTIERI, André. As famílias mais ricas do Brasil (e por que está na hora de elas abrirem os cofres). 2011. **R7**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2011/12/05/as-familias-mais-ricas-do-brasil-e-por-que-esta-na-hora-de-elas-abrirem-os-cofres/>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

HANSEN, Fábio. A noção de pré-construído e seus desdobramentos no processo criativo do discurso publicitário. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 137-149, jan./jun. 2010.

HAROCHE, Claudine. O outro e o eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas. In: NAXARA, M. R. C. *et al.* **Figurações do outro na história**. Uberlândia: Edufu, 2009.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

IBOPE. **Internet no Brasil cresceu 16% nos últimos 12 meses**. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Internet-no-Brasil-cresceu-16-nos-ultimos-12-meses.aspx>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO E.; CAZARIN, E. A. (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9-33.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MARANDIN, J.-M. Sintaxe, discurso: do ponto de vista da Análise do Discurso. Trad. de Maria Cristina Leandro Ferreira. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Unicamp, 1994. p. 119-144.

MARIANI, Bethania S. C.; MAGALHÃES, Belmira. “eu quero é ser feliz”. O sujeito, seus desejos e a ideologia. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 125-143.

MORALES, Blanca de Souza Viera. Sujeito: imaginário, simbólico e real. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO E.; CAZARIN, E. A. (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 34-46.

NIN, Anaïs. **Seduction of the minotaur**. Athens: Swallow Press, 1961. p. 145.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da linguística para melhoria das técnicas de análise de conteúdo. Trad. de Carolina Rodríguez-Alcalá. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise do Discurso**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2011. p. 203-226.

_____. Análise automática do discurso. Trad. de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

PUBLISH NEWS. **Lista de mais vendidos da semana**. 2012. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos>>. Acesso em: 02 out. 2012.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1996.

SILVA SOBRINHO, Helson Flavio. Sujeito do discurso, ideologia e luta de classes: um espectro ronda a AD e não cessa de produzir efeitos. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 105-123.

SILVEIRA, Marcelo Deiro Prates da. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, 2004, v. 24, n. 4, p. 42-51.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Letras
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA DE LIVROS DE AUTOAJUDA

- 1) Quando você escolhe um livro de autoajuda, o que chama mais a sua atenção: o título ou a trajetória do autor?
- 2) Quantos livros de autoajuda você já leu?
- 3) De qual deles gostou mais? Por quê?
- 4) Você pratica os ensinamentos desses livros?
- 5) Você considera que é fácil ou difícil praticar tais ensinamentos? Por quê?
- 6) Você percebe mudanças no seu próprio comportamento depois da leitura desses livros? Cite algum exemplo.

As questões a seguir referem-se a trechos do *best-seller* **Os segredos da mente milionária**, de T. Harv Eker.

As pessoas ricas assumem o compromisso de serem ricas.
As pessoas de mentalidade pobre gostariam de ser ricas.

- 7) Para você, qual seria a diferença entre (a) e (b)?
 - a) uma pessoa rica/pobre
 - b) uma pessoa de mentalidade rica/pobre
- 8) Por esta lógica, seria possível uma pessoa com mentalidade pobre não ser pobre? Dê um exemplo.

As pessoas ricas entram no jogo do dinheiro para ganhar.

As pessoas de mentalidade pobre entram no jogo do dinheiro para não perder.

Se o seu objetivo é ter algum conforto, é provável que você nunca fique rico. Mas, caso a sua meta seja enriquecer, é provável que você alcance uma situação ricamente confortável.

9) Como você diferencia “algum conforto” de “uma situação ricamente confortável”?

As pessoas ricas buscam a companhia de indivíduos positivos e bem-sucedidos.

As pessoas de mentalidade pobre buscam a companhia de indivíduos negativos e fracassados.

10) Na perspectiva do autor, qual é o significado, em nossa vida, dos indivíduos que nos acompanham?

11) Você concorda com esta perspectiva? Por quê?

As pessoas ricas acreditam na seguinte ideia: “Eu crio a minha própria vida.”

As pessoas de mentalidade pobre acreditam na seguinte ideia: “Na minha vida, as coisas acontecem.”

Não existem vítimas verdadeiramente ricas.

12) Você acredita que é possível ao sujeito ter total domínio sobre o andamento de sua vida?

13) Em que situações você considera que não é possível ter tal domínio?

As pessoas ricas pensam grande.

As pessoas de mentalidade pobre pensam pequeno.

As pessoas ricas são maiores do que os seus problemas.

As pessoas de mentalidade pobre são menores do que os seus problemas.

Se você tem um grande problema, isso quer dizer apenas que está sendo uma pessoa pequena.

- 14) O autor trabalha aqui com valores como grande/pequeno, maior/menor. Você acredita que estes valores possuem a mesma dimensão tanto para pessoas ricas quanto para as pobres? Justifique sua resposta.
- 15) A partir dos dois princípios apresentados, o que é ser vítima para o autor? E para você?
- 16) A partir da leitura de todos os trechos citados acima, qual você diria que é o foco que o autor lança sobre o que é importante para ser bem-sucedido?
- 17) E, em sua opinião, o que é ser bem-sucedido?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Letras
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, ciente de minha participação nesta pesquisa monográfica do curso de Licenciatura em Letras desta universidade, autorizo a utilização de minhas respostas dadas ao questionário e a posterior análise das informações coletadas, desde que minha identidade seja preservada.

Este questionário, aplicado por Caroline Ferreira Soares, será uma ferramenta essencial para esta monografia, que terá como base a Teoria da Análise do Discurso. Outrossim, o trabalho resultante desta pesquisa terá defesa pública neste semestre (2012/1), no Instituto de Letras/UFRGS, pois se constitui requisito para a colação de grau da autora, ficando a mesma encarregada de sua ampla divulgação. A pesquisa é orientada pela Prof.^a Dr.^a Solange Mittmann, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

Porto Alegre, ___/___/_____

Nome do(a) entrevistado(a):

E-mail e/ou telefone do(a) entrevistado(a):

Assinatura do(a) entrevistado(a):

Caroline Ferreira Soares

Contato pelo *e-mail*: carolineesoares@gmail.com